

Universidade Federal da Paraíba – UFPB – Campus II

Departamento de História e Geografia – DHG

Disciplina: Prática de Ensino em escolas de 1º e 2º
graus

Professor: Alarcon Agra do Ó

Professor – Orientador: José Benjamim Montenegro

Aluna: Ziselma Gomes Nascimento Alves

Matrícula: 92.1-3519-5

Período: 1998.2

Relatório

“Ser professor”: um desafio permanente.



Biblioteca Setorial do CDSA. Janeiro de 2024.

Sumé - PB

Índice

<i>Apresentação</i>	6
<i>Capítulo I</i>	8
Encontros com a realidade: a escola contemporânea e a formação do educador.	8
<i>Capítulo II</i>	12
Discussão quanto a idéia de currículo e o ensino de História.	12
<i>Capítulo III</i>	16
Experiência da Prática de Ensino: “A vida na escola e a escola da vida”.	16
<i>Planejamento das Atividades na Prática de Ensino em Sala de Aula</i>	21
<i>Exercícios de Verificação de Aprendizagem.</i>	32
<i>Consideração Finais</i>	42
<i>Bibliografia</i>	44
<i>Anexo</i>	45

Mensagem

Ser mestre

Sabe Deus porquê sou mestre?

Uma força maior me faz assim.

Foram as águas do destino, as cachoeiras sem fim, despejando pela vida;

Despejaram assim prá mim.

Quantas vezes deparei comigo mesmo atrás dos bancos da escola espelhando em meu professor futuro mestre que sou!

Quantas vezes me vi entre meninos, sendo espelhados também. Quantas vezes deparei comigo mesmo galgando a rampa da escola, correndo, suando, cansada, competindo com meu relógio.

Professor é um eterno sementeiro, é cigano que planta na beira da estrada e nunca colhe o que plantou!

Mas enfim, sou mestre!

Orgulhoso como ninguém!

Ser mestre é carreira linda,

Ser mestre é carreira sagrada,

Pois Jesus foi mestre também!

(autor desconhecido)

Agradecimento

“Oração da Pétala”

“Senhor,

tantas vezes pensei em mim e descobri que sozinho não sou ninguém.

Tenho um colorido cujas vestes dos homens jamais experimentou.

Mas, o que seria de mim se uma pétala só formasse a flor?

Agradeço, senhor, porque nunca me abandonaste. Sempre iluminaste meu caminho, para que eu conseguisse vencer os obstáculos. Sendo assim, tenho pouco a pedir e muito a agradecer.

Obrigado, Senhor, pela presença de meus colegas que sempre, com suas palavras de apoio me ajudaram a finalizar o curso que, por vezes pensei em desistir. Sem eles, eu não seria parte desta flor.

Obrigado, Senhor, pelos meus pais que me deram o máximo de apoio e incentivo. Digo com toda convicção que, só cheguei até aqui por mérito deles.

Obrigado, Senhor, pelo meu marido que sempre compartilhou todas as dificuldades e alegrias do curso.

Obrigado, Senhor, pelos meus professores, pois foram balizas preciosas nessa longa estrada que é o processo educativo.

Obrigado pelo sumo que me sustenta, sem ele nenhuma pétala teria lugar.

Senhor,

Obrigado pela essência que nos perfuma.

Obrigado porque não nasci só, não só eu, não só ela, nem as outras pétalas. Mas somos nós juntas que fazemos o desabrochar da flor.

Precisamos abrir-nos juntas, unir-nos mais. E vivermos juntas o amanhecer, o dia com tudo o que é seu, a noite que anuncia outra aurora.

Sentimos falta quando uma cai.

Sentimos falta quando caímos todas.

Nascemos todas bonitas.

Para esconder aquilo que é mais bonito que uma flor bonita.

A semente, aquela que nos faz nascer de novo.

Senhor,

Obrigado pela missão de ser pétala na flor.

Obrigada pelas outras pétalas que me ajudaram a ser mais, com elas.

Obrigado pela flor que formamos unidas.

Obrigado pela vida que juntas podemos mostrar.

E, reunidas com a riqueza de sermos diferentes, podemos viver.”

Apresentação

“Mestre não é quem ensina, mas quem de repente aprende”.

(João Guimarães Rosa)

Em todas as épocas, em todas as sociedades, em qualquer lugar do mundo, encontramos pessoas que, pelo seu ideal de tornar a sua vidas e de todas mais humanas, pelo seu interesse em desvendar as descobertas das ciências e torná-las acessíveis a todos, pelo seu amor ao trabalho de ensinar e levar a criticar as tradições, os valores e os conhecimentos próprios de cada sociedade, se caracteriza como professor e seu ambiente de trabalho, é a escola. Aí, respeitando a educação que as crianças e jovens trazem do lar e sem recear o confronto que se estabelece entre esta e sua própria educação de professor, ao contrário, se valendo desse confronto, espera ele participar da formação de homens mais educados, mais humanos. Homens esses, que incluem tanto o aluno como o professor pois educam-se tanto os alunos quanto o professor.

É com esse ideal que desenvolvi a disciplina prática de Ensino de 1º e 2º graus do curso de História da Universidade Federal da Paraíba na Escola Estadual de 1º e 2º graus Ademar Veloso da Silveira, localizada em Bodocongó.

Pensar a estruturação de ação docente, antes de mais nada, é pensar a localização do educador frente a algumas questões: qual o seu lugar sócio-histórico-cultural? Como ele percebe a presença da disciplina História na experiência escolar? Que papéis sociais a disciplina permite/possibilita funcionar na dinâmica da vida escolar (e, a partir dela, para a vida social em geral)?

É tomando como referência estas e outras questões que assolam a nossa educação e tentando responder essas perguntas que elaborei o meu relatório da Prática de Ensino de História.

Capítulo I

Encontros com a realidade: a escola contemporânea e a formação do educador.

“Estou aqui pra quê?
Será que é pra aprender?
Ou será que é pra aceitar
Me acomodar e obedecer?”

(Gabriel, O Pensador)

Com a crítica de Gabriel, vem à tona a questão da Educação. A realidade da escola desmente na maioria das vezes todas as suas promessas. Existe um abismo entre o que a escola é e o que de fato ela deveria ser.

Primeiramente, o acesso igual a todos é negado. O governo promete, mas a verdade é que muitos ficam de fora. Mas os que conseguiram entrar, terão realmente um ensino de qualidade? Muitos já estão reprovados pelos professores que preconceituosamente estigmatizam seus alunos sem sequer levar em conta os problemas que atingem sua vida. Os alunos sentem que a escola não foi feita para eles, pois não leva em conta a grande maioria pobre que tem que trabalhar para ajudar a família. Não facilita o horário para eles, as faltas não são justificadas, há uma enorme dificuldade em conseguir uma nova chance para se fazer outro teste na perda de alguma prova, teste, etc.

Há, também, não se pode descartar uma grande culpa de muitos alunos que não se interessam, não são disciplinados, não gostam de estudar, etc. Mas o que é isso? Um “jogo” de “de quem é a culpa”? não podemos entrar nesse “jogo” do culpado é o governo que não dá assistência, recursos materiais necessários, vagas para todos

os alunos; ou ainda a culpa é dos professores que desqualificados, superlotados de turmas cheias não fazem um bom trabalho; ou ainda, a culpa é dos Pais que se afastam da escola, na maioria das vezes não acompanham o desenvolvimento de seu filho, deixando-os a "Deus dará" ou se sentem incapazes de ajudar, ou seja, não se têm instrução para isso. Ou, a culpa é do Sistema, da Secretaria ou Ministério da Educação, ou dos Parâmetros Curriculares, ou ainda das diretrizes de regem a educação, etc.

Ora, se entrarmos nesse jogo, corremos o risco de nos afogar, pois na verdade existe uma parcela de culpa de todos os que citei, mas o problema não se resolve apontando uns para os outros.

Os professores, cercados de dificuldades por todos os lados (turmas cheias, muitas turmas, poucos recursos, baixos salários, despreparo, falta de reciclagem, etc.), se sentem cansados e desanimados. Eles têm que resolver sozinhos os problemas que aparecem na sala de aula sem ter quem os ajude. Para se defender de tudo isso, eles adotam, por vezes, uma atitude autoritária em relação aos alunos e aos pais, ou então, "entregam os pontos" e se desinteressam da sorte de seus alunos.

A escola não tem nada haver com a vida de seus alunos. Dentro dela não há lugar para seus problemas e preocupações. Tudo aquilo que eles já sabem se sua experiência de vida não é levado em conta pela escola. A professora corrige sua maneira de falar, seus modos, sua maneira de vestir, etc. Pouco a pouco, os alunos vão perdendo a motivação, vão se sentindo realmente incapazes de aprender e vão se resignando a um fracasso que vai marcar o resto de suas vidas.

¹ "Eles buscam respostas para melhor compreenderem a sociedade em que vivem e não encontraram as respostas que necessitam para viver. O que é inflação? O que é corrupção? Além de

não encontrar respostas para o que lhe parece importante aprender, Gabriel é obrigado a decorar a monte de abobrinhas que o sistema bota no programa.

² “Há, entretanto, uma enorme distância entre as experiências atualmente proporcionadas pela escola e pelo currículo e as características culturais de um mundo social radicalmente transformado pela emergência de movimentos sociais, pela afirmação de identidades culturais subjugadas, pelas lutas contra o patriarcado, pelos conflitos entre os poderes imperialistas e resistências pós-coloniais, pelo processo de globalização do novos meios e técnicas de comunicação”.

Todo mundo espera que a escola cumpra e seu real papel que é o de fornecer instrução, qualificação e diploma a todos. Na verdade, a escola produz mais fracassos do que sucessos, trata uns melhor do que outros e convence os que fracassaram que eles fracassam porque são inferiores. Ela só educa e instrui uma minoria. A grande maioria é excluída e marginalizada.

A finalidade da escola, tal como ela existe hoje, é formar essa minoria privilegiada que, mais tarde, vai pensa, dirigir, planejar e dar ordens aos outros. Já o destino da maioria marginalizada pela escola será o de cumprir as ordens e os planos feitos pelos donos do poder e do saber.

Opor-se a esse quadro que aí está é nossa obrigação e construir uma escola includente ao contrário de excludente, espaço democrático de socialização do saber historicamente produzido e direito de todos. Há que se recuperar os vínculos coletivos, a solidariedade, o respeito pelo outro, a capacidade de se indignar e se inconformar com as injustiças sociais.

“O vento é sempre o mesmo, mas sua resposta é diferente em cada folha. Somente a árvore seca fica imóvel entre borboletas e pássaros”.

(Cecília Meireles)

Capítulo II

Discussão quanto a idéia de currículo e o ensino de História.

“Ai de nós, educadores, se deixamos de sonhar sonhos possíveis”.

(Paulo Freire)

A disciplina de História sempre foi vista com um olhar negativo pelos alunos e destrutada pelos professores. Muitos alunos acham que a disciplina é chata, decoreba, desinteressante, etc.;¹ “Poucos se apercebem, entretanto, das inúmeras questões teóricas e ideológicas presente a cada passo da narrativa histórica”.

Muitos professores se acomodaram a apenas repetir o mesmo assunto; e os alunos por vezes recebem as informações repetidas pelo professor e colocam nas avaliações e não podem mudar uma vírgula pois correm o risco de repetir de ano.

O ensino de História, mais do que qualquer outra disciplina, deve ter o objetivo de levar o aluno a trilhar um caminho mais consciente, evitando assim, que sejam mero instrumentos de alienação. A história tem obrigação de fazer com que os alunos se localizem em determinado espaço e tempo para que compreendam melhor a realidade em que vivem. A disciplina de História só consegue revelar o presente quando ela faz você pensar historicamente, então decorar é o contrário de raciocinar. Esse tipo de “História decoreba” que é ensinada em diversas escolas faz com que os alunos não façam perguntas, se calem (percebi isso claramente em meu estágio; é muito difícil fazer com que os alunos participem das aulas, questionem ou critiquem a professora).

A História tradicional é justamente ensinada para que aceitemos tudo passivamente. Ela esconde de nós o fato de que tanto ontem como hoje, sempre poderemos escolher novos caminhos. O mundo sempre pode ser diferente. E quem pode fazer essas mudanças somos nós, professores de História, através do estudo permanente, discussões a cerca do que se pode melhorar. A escola também tem por obrigação criar espaços de discussão na busca de alternativas de ajustamento aos novos tempos pois só assim os professores terão condições de acompanhar os novos paradigmas tecnológicos e organizacionais e transformar o ambiente em que os alunos sujeitos de aprendizagem, também se transformem.

² “Há muito chama-se por um ensino possibilitador de uma verdadeira aprendizagem, produtos de pessoas mais criativas, mais críticas, mais capazes de autonomia intelectual. Trata-se, essencialmente de uma questão de mudança de mentalidade, de aceitação do novo e de todas as conseqüências, pois a conservação do velho “paradigma” de ensino escolástico mostra nas estatísticas as suas conseqüências de insucessos escolar que, aliás, não se limita ao Terceiro mundo”.

Uma outra grande peça-chave para essas grandes transformação no ambiente de ensino é o currículo, pois é ele que fornece as diretrizes para as ações de controle social porque ele representa um ponto de vista de um determinado grupo social e pode... ³ “propender para um maior ou menor grau de alienação ou conscientização em face dos agentes envolvidos na prática cotidiana”.

Na verdade, a escola não passa de uma “peça” numa “engrenagem” maior que é a sociedade em que nós vivemos e o

2 – CRUZ, Marília Beatriz Azevedo. O ensino de História do contexto das transições 13 paradigmáticas da história e da educação.

3 – ROCHA, Ubiratan: Reconstruindo a História a partir do imaginário do aluno.

currículo é a “peça” principal. A maneira como a escola está organizada é resultado da organização da sociedade em seu conjunto. Os mais

pobres são marginalizados pela escola do mesmo jeito que são explorados no plano das relações de trabalho e impedidos de participar da vida política.

A escola não é democrática por que a sociedade em que vivemos não verdadeiramente democrática. Os donos do poder são excluídos, tanto da escola como da participação nas decisões. Portanto, a escola é parte integrante dessa sociedade injusta e desigual, em que a regra de comportamento é “cada um por si e salve-se quem puder”.

⁴ “Nessa perspectiva, o currículo é visto como um artefato social e cultural. Isso significa que ele é colocado na moldura mais ampla de suas determinações sociais, de sua história, de sua produção contextual. “Ele é entendido como a cristalização de séries diversas de interesses, de valores de práticas de significação. O currículo não é mais entendido como um elemento neutro, como o ordenamento desinteressado de aspecto do comportamento social que a sociedade deseja transmitir, ele tem uma história vinculada a formas específicas e contingentes da organização da sociedade e da educação.

Isso confirma que o currículo não é inocente, ele é interessado e está implicado com a relação de poder que estão num contexto muito mais amplo do que se pode imaginar; ele vai desde a própria estrutura da escola, seu espaço físico, seu corpo discente, a merenda, a distribuição das disciplinas, dos horários, dos professores,

os planejamentos, etc. Tudo isso é levado em conta para a elaboração de um currículo de uma escola, e é determinado por grupos interessados em certos tipos de organização; que de preferência não fuja do controle de suas mãos.

Na escola em que estagiei, percebe-se claramente que os alunos não ficam à vontade, pois há um grande número de alunos. Não há uma higienização prévia às aulas; os banheiros exalam um cheiro insuportável. Não há quem se sinta bem num ambiente assim. As carteiras estão sujas, e quebradas, não existe um birô para o professor e a própria relação professor-aluno deixa bastante a desejar, pois há um enorme abismo entre eles. Da mesma maneira é o contato com a direção da escola. Os horários são modificados constantemente, deixando os alunos confusos, etc. Tudo isso faz parte de um currículo escolar e deve ser (principalmente esta escola) mudado. Mas como?

Muita coisa pode ser feita para melhorar a escola e a educação em geral. Depois das medidas administrativas que têm em impacto imediato, seria preciso enfrentar a questão mais complicada e difícil da mudança dos conteúdos e dos métodos de ensino. É preciso adaptar a escola as condições reais vividas pela maioria de seus alunos, que vem de lares desfavorecidos. Também é importante e reciclar ajudar os professores a ensinar mais e de melhor qualidade.

É nesse processo de organização de baixo para cima, temperado nas lutas de cada dia, nas vitórias e derrotas de tanto têm a ensinar que está a semente de uma nova atitude e de uma nova maneira de agir. Não devemos só esperar por soluções prontas vindas de cima mas confiar nas próprias forças para encontrar as respostas e colocá-las em prática.

Capítulo III

Experiência da Prática de Ensino: "A vida na escola e a escola da vida".

"Todos estamos matriculados na escola da vida, onde o mestre é o tempo".

(Cora Carolina).

A prática de Ensino de História funciona como estágio supervisionado. Esta prática tem por objetivo, em termos gerais, proporcionar ao aluno concluinte da habilitação de licenciatura, a experiência da prática docente.

O meu estágio supervisionado da prática de Ensino deverá ser feito em escolas de 1º e 2º graus. Neste semestre 98.2, a prática de ensino foi designada para a Escola Estadual de 1º e 2º graus Ademar Veloso da Silveira; que apresentava um amplo espaço físico, um grande pátio, secretaria, diretoria, cantina, SOE (desativado), sala de vídeo (pouco ou quase nunca usado), sala dos professores, varias salas de aulas, um número muito grande de alunos, funcionários, professores, etc. Além de tudo isso, apresenta muitos problemas como todas as escolas estaduais.

Primeiramente, tivemos (eu e meu orientador) quer ir à escola diversas vezes para saber a turma, o horário que deveria ficar. Nem toda as vezes fomos bem atendidos, ou melhor, com a atenção adequada.

Notei de início, uma falta de comunicação entre alunos/professor, professor/alunos, pois cada um assume seu lugar, como se nada tivesse haver um com o outro. O professor tem posição por vezes, autoritária; condição esta, importante para se possa obter

a atenção dos alunos pois diálogo entre professor e aluno pois diálogo entre professor e aluno não é comum.

Minha primeira aula foi no segundo ano do ensino médio da turma "A" do turno da noite que tinha como professor Francisco de Assis Cunha de Lima. Ele, por sua vez me deixou à vontade para que ministrasse minhas aulas. Conversamos várias vezes (até por telefone) para acertar o conteúdo; que foi mudado por causa do programa para o vestibular e o horário; que também foi mudado; deixando os alunos desorientados.

Gostei muito da experiência, mas gostaria que houvesse maior participação por parte dos alunos; que ficaram quietos ou até conversavam; desligados um pouco da aula. Mostravam-se apáticos com relação a disciplina. Mesmo assim, houve alguns alunos que estavam sentados na frente que participaram e, no geral as aulas foram muitos legais. É impressionante como estão programados a receber informações sem questioná-las, sem participar. O que o professor fizer ou falar é lei e facilmente aceito pela turma. Não são sujeitos críticos, ou melhor, não foram educados para ser. Notei este aspecto quando corriji alguns exercícios; na elaboração de uma pergunta e resposta; elaboraram apenas as perguntas que tinha a resposta no texto.

Outra coisa que me chocou e me decepcionou foi a atitude de alguns "professores" (não deveriam receber essa denominação) que rotulam antecipadamente seus alunos. Na verdade, por trás do "inocente" palpite do professor se esconde umas das práticas mais perigosas – e mais comum – exercidas na escola: o destino do aluno é selado de forma implacável e, na maioria das vezes até irreversível.

Basta um olhar, um terrível e conclusivo olhar. Com ele, o professor abarca sua classe e profetiza: "Esses vão dar certo; aqueles

“O diálogo cria base para a colaboração”

(Paulo Freire)

não”! Então o aluno não tem outra saída senão se comportar como essa professora espera que eles se comportem. Mesmo que não façam isso, não terão muitas opções.

Gostei muito da minha experiência no quinto ano do ensino fundamental da turma “D” do turno da manhã, que tinha como professora, Maria das Neves Diniz Costa. Mesmo com vários problemas, como: classe superlotada, carteiras em maus estados, indisciplina de alguns alunos, o barulho insuportável de vários alunos em aula vaga no corredor, a falta dos livros (que já haviam entregado), etc., impossibilitando, assim, algumas atividades. Mas mesmo assim fiquei muito feliz pelo resultado de uma atividade onde peço para que façam um caderninho com a linha do tempo de suas vidas em forma de desenhos; já que a aula foi sobre a contagem do tempo e a divisão da história. Fiquei impressionada com vários fatos que marcaram a vida deles (morte de alguns parentes, travessuras, a pobreza de suas vidas, o amor pelos pais, a falta do pai, a tristeza de alguns fatos que marcaram a infância, problemas que afetam os adolescente, etc.), como existem problemas na vida de cada um e isso não é levado em conta pelos professores e nem pela diretora que pune qualquer indisciplina com a suspensão, transferência, castigo, etc. sem dar nenhum direito de defesa por parte dos alunos (uma psicóloga faz muita falta na escola).

Digo isso, com a certeza de quem testemunhou uma atitude grosseira por parte da diretora que entrou na sala interrompendo minha aula. Apenas não disse que os alunos eram “santos”. Essa atitude se deve ao fato de que alguns alunos daquela série teriam depredado alguns objetos da escola. Sei que foi grave o que os alunos fizeram mas respeito e educação primeiro tem que se dar para poder exigir.

Um outro problema que constatei foi a falta de higiene da escola (embora existam funcionários para a faxina); banheiros e pátio muito sujos, as salas de aula também, o corredor e a própria cantina. Tudo isso torna o ambiente insuportável para que se desenvolva uma boa educação; já que a higiene e a disciplina fazem parte da educação.

Notei também a falta de organização da escola que deveria fazer o planejamento bem antes de começar as aulas pois, de certo, alguns desses professores também trabalham em escola particular e duvido muito que ainda não tenham feito o seu planejamento educacional. Então, porque esse descaso com a escola estadual?

Qual a saída diante de um quadro tão fatalista da educação brasileira? É preciso que o professor se conscientize que este tipo de prática se baseia não em avaliações confiáveis mas principalmente em seus preconceitos. E que o professor saiba que não é o vilão dessa história. Esses preconceitos têm raízes econômicas e sociais. Todos esses termos incluindo aí o sistema educacional que os alimenta e o reproduz, se faz necessário, no entanto, começar a desenvolver um olhar crítico em relação a ele.

Mesmo com todos esses problemas não podemos perder de vista o nosso objetivo principal que é o de fazer da aula de história uma aula dinâmica, crítica, participativa na qual os alunos pudessem se interessar, questionar e discutir sobre o assunto abordado; tentando mudar um pouco o estilo: quadro, giz, texto e decoreba que é o contrário do raciocínio e da crítica.

Também notei que esta não é a disciplina que os alunos apreciam muito, pois acham “chata” e mera “decoreba”. Mas temos a obrigação de tentar pelo menos, mudar essa visão e mostrar que a história tem um enorme papel prático e nos faz agir conscientemente através da análise dos fatos (racionar historicamente é perceber que o presente não se explica por si só: é necessário encarar o presente como sendo ligado ao processo que o produziu, ou seja, o passado).

¹ “Não partir a priori, por exemplo, de que os estudantes de um determinado nível deve ter uma idade determinada e aprender exclusivamente certos conteúdos, habilidades destrezas. Ensaíar novas formas de relação na escola, que possibilitem a entrada de novos conhecimentos e criem maiores possibilidades.”

Dessa maneira, podemos mudar um pouco o quadro negro no qual se encontra a Educação brasileira e pintar com giz branco a disciplina história, para que os alunos a vejam com outros olhos e possam aprender a gostar da disciplina como eu gosto.

Universidade Federal da Paraíba

Centro de Humanidades

Disciplina: Prática de Ensino

Professor: Alarcon Agra do Ó

Professor-orientador: José Benjamim Motenegro

Estagiária: Zilselma Gomes Nascimento Alves

Planejamento das Atividades na Prática de Ensino em Sala de Aula

Escola Estadual de 1º e 2º Graus Ademar Veloso da Silveira –
Bodocongó

Disciplina: História

Série: 5º ano do ensino fundamental Turma: D

Turno: manhã

Estagiária: Ziselma Gomes Nascimento Alves

Professor-orientador: José Benjamim Montenegro

Data: 23 e 24/02/99

Plano de Aula

Tema: A contagem do tempo e a divisão da História

Objetivos: Localizar os fatos ao longo tempo na ordem em que
aconteceram

- Entender a divisão dos séculos.
- Mostrar as várias definições de História.

Conteúdo: Origem e transformação da História

Divisão tradicional da História

Metodologia: Iniciarei a aula com historinha de gibi, logo em seguida farei comparação sobre a linha do tempo de vida de uma pessoa, além de mostrar diferentes povos (hebreus, judeus, romanos, etc.)

e a divisão da história através dos diversos marcos históricos.

Recursos metodológicos: Aula expositiva dialogada com o auxílio de cartazes e gibi, além do quadro negro, giz e texto digitado.

Avaliação: Através de exercício de verificação de aprendizagem, além de confecção do livrinho com a linha do tempo de suas vidas representado através de desenhos.

Bibliografia: SARONI, Fernando, 1929 – História das civilizações – Vital Darós – São Paulo: FDT; 1979.

JUNIOR, Alfredo Boulos – História Antiga e Medieval. V.1. Edição Renovada. São Paulo: FDT; 1979.

FERREIRA, José Roberto Martins, 1950 – História: 5ª série – edição reformulada – São Paulo. FDT; 1997.

Escola Estadual de 1º e 2º Graus Ademar Veloso da Silveira –
Bodocongó

Disciplina: História

Série: 5º ano do ensino fundamental Turma: D

Turno: manhã

Estagiária: Ziselma Gomes Nascimento Alves

Professor-orientador: José Benjamim Montenegro

Data: 17 e 18/03/99

Plano de Aula

Tema: Como tudo começou...(a criação do universo)

Objetivos: Entender a teoria criacionista e evolucionista.

Mostrar como o homem evoluiu ao longo do tempo.

Explicar as divisões da pré-história.

Conteúdo: Criação e Evolução.

O nascimento da vida.

Os nossos antepassados.

As divisões da pré-história.

Metodologia: Iniciarei a aula sobre a criação do universo utilizando a Bíblia como uma das fontes explicativas do início do mundo, logo após

explicarei o processo evolutivo do homem através de aula expositiva dialogada.

Recursos didáticos: Mapa, cartazes, texto digitado, quadro negro e giz, murais e livrinhos paradidáticos. digitado.

Avaliação: Os alunos deverão responder um questionário escrito relativo às nossas discussão e debates em sala de aula.

Bibliografia: SARONI, Fernando, 1929 – História das civilização – Vital Darós – São Paulo: FDT; 1979.

FERREIRA, José Roberto Martins, 1950 – História: 5º série – edição reformulada – São Paulo. FDT; 1997.

Escola Estadual de 1º e 2º Graus Ademar Veloso da Silveira –
Bodocongó

Disciplina: História

Série: 2º ano do ensino médio Turma: D

Turno: noite

Estagiária: Ziselma Gomes Nascimento Alves

Professor-orientador: José Benjamim Montenegro

Data: 22/02/99

Plano de Aula

Tema: Formação do estado nacional brasileiro.

Objetivos: ➤ Traçar um panorama do período imperial.

➤ Mostrar que implantação da monarquia brasileira e a organização do Estado Nacional não colocaram fim às disputas internas e aos conflitos surgidos na assembléia constituinte.

➤ Identificar as contradições da constituição de 1824.

Conteúdo: ➤ A regência do império brasileiro.

➤ As divergências políticas.

➤ A constituinte e a constituição.

Metodologia: Iniciarei com um cartaz de recortes de jornais mostrando um pouco dos problemas de nossa realidade e um outro quadro mostrando a realidade do primeiro reinado que foi de 1822 a 1831. A partir daí comecei a aula expositiva, sempre fazendo uma ponte com a nossa realidade.

Recursos didáticos: Mapas, cartazes, jornais, texto digitado, quadro e giz.

Avaliação: Os alunos deverão responder a um questionário escrito, relativo às nossas discussões em sala de aula.

Bibliografia: MORAES, José Geraldo Vinci de. Caminhos das civilizações/História integrada: geral e Brasil; São Paulo, Editora: Atual, 1998.

Escola Estadual de 1º e 2º Graus Ademar Veloso da Silveira –
Bodocongó

Disciplina: História

Série: 2º ano do ensino médio Turma: A

Turno: noite

Estagiária: Ziselma Gomes Nascimento Alves

Professor-orientador: José Benjamim Montenegro

Data: 01/03/99

Plano de Aula

Tema: Renascimento: explosão de formas e cores, estilos e valores.

Objetivos: Entender que a palavra "renascimento" explime, de certo maneira, o julgamento que a classe culta, especialmente dos séculos XV e XVI, fazia da Idade Média.

Mostrar a dimensão do renascimento em seu contexto artístico, literário e científico e seus principais representantes.

Conteúdo: Renascimento (artístico, literário, cultural e científico).

Humanismo.

Metodologia: Iniciarei a aula expositiva com uma entrevista do Nicolau SEVCENKO, explicando o que ele entende pelo renascimento e fazendo uma ponte com a realidade, ou seja, o que o renascimento pode ter contribuído para a sociedade que aí está.

Recursos didáticos: Mapas, cartazes, texto digitado, quadro negro e giz.

Avaliação: Os alunos deverão responder um exercício de verificação de aprendizagem.

Bibliografia: História das sociedades: das sociedades modernas às sociedades atuais/por Rubim S. Leão de Aquino e outros/ Rio de Janeiro/1975.

SEVCENKO, Nicolau. O renascimento. 12^o edição. São Paulo, atual, 1994 (coleção discutindo a História.

História Geral e do Brasil – toda a história – José Jobson de A. Arruda, Nelson Piletti – 4^o edição – Editora Ática, 1995.

AZEVEDO, L. de. A história dos novos, 4^o sociedade mundial: moderna e contemporânea.

Escola Estadual de 1º e 2º Graus Ademar Veloso da Silveira –
Bodocongó

Disciplina: História

Série: 2º ano do ensino médio Turma: A

Turno: noite

Estagiária: Ziselma Gomes Nascimento Alves

Professor-orientador: José Benjamim Montenegro

Data: 08/03/99

Plano de Aula

Tema: Renascimento: Reforma uma grande revolução religiosa

Objetivos: Entender esse movimento de rupturas dentro de um contexto mais amplo de suas realizações (causas religiosas, culturais, políticas e econômicas).

Mostrar a resposta da igreja católica a partir de quatro providências: companhia de Jesus, a convocação do concílio de Trento, a reorganização da Inquisição e a elaboração de Índex.

Conteúdo: Reforma Religiosa
Contra Reforma.

Metodologia: Iniciarei a aula levantando uma discussão sobre a situação que encontra a igreja atualmente,

sempre fazendo uma comparação entre o século XVI e a nossa realidade.

Recursos didáticos: Mapas, cartazes, texto digitado, quadro negro e giz.

Avaliação: Os alunos deverão responder a um questionário escrito relativo às nossas discussões em sala de aula.

Bibliografia: História das sociedades: das sociedades modernas às sociedades atuais/por Rubim S. Leão de Aquino e outros/ Rio de Janeiro/1975.

História Geral e do Brasil – Toda a história – José Jobson de Arruda, Nelson Piletti – 4º edição – Editora Ática, 1995.

AZEVEDO, L. de. A história dos Povos, 4º sociedade mundial: moderna e contemporânea.

Universidade Federal da Paraíba – UFPB – Campus II

Centro de Humanidades – C.H.

Disciplina: Prática de Ensino

Professor: Alarcon Agra do Ó

Professor-orientador: José Benjamim Montenegro

Estagiária: Ziselma Gomes Nascimento Alves

Exercícios de Verificação de Aprendizagem.

Escola Federal de 1º e 2º Graus Ademar Veloso da Silveira –
Bodocongó

Disciplina: História

Série: 5º série do ensino fundamental Turma: D

Turno: manhã

Estagiária: Ziselma Gomes Nascimento Alves

Professor-orientador: José Benjamim Montenegro

Exercício de Verificação de Aprendizagem

Responda:

a) Como chamamos o período que se estende desde o aparecimento do homem até o surgimento da escrita?

b) Como os cristãos contam o tempo?

c) Quais são os quatro períodos da história?

Escreva os séculos referentes aos anos abaixo

a) 1500_____

b) 1898_____

c) 1453_____

d) 476_____

e) 321_____

3 – Localize os períodos na linha do tempo: 4000 a.C. ; 476 d.C, 1453 d.C.



4 – Quando a afirmação estiver errada corrija-a:

a) vivemos da Idade Moderna:

() certo

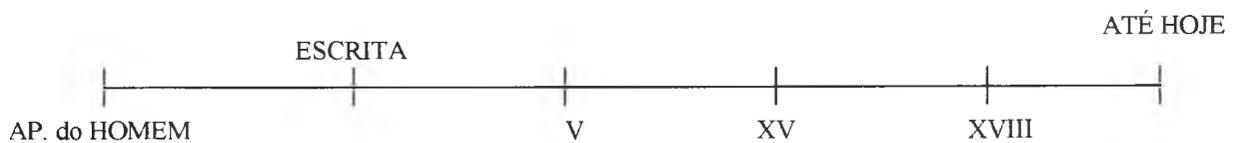
() errado

b) o descobrimento do Brasil deu-se na Idade Média:

() certo

() errado

5 – Localize as divisões da História:



Escola Federal de 1º e 2º Graus Ademar Veloso da Silveira –
Bodocongó

Disciplina: História

Série: 5º série do ensino fundamental Turma: D

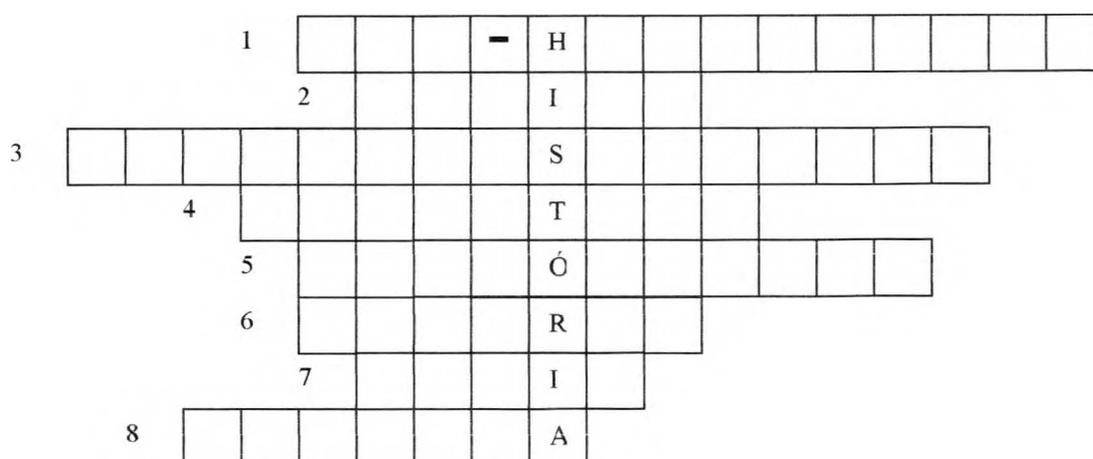
Turno: manhã

Estagiária: Ziselma Gomes Nascimento Alves

Professor-orientador: José Benjamim Montenegro

Exercício de Verificação de Aprendizagem

1 – Preencha a cruzadinha horizontal com as respostas das perguntas abaixo:



- 1 – nome do período que antecede a invenção da escrita
- 2 – idade que abrange o período de 4000 a.C até 476 d.C.
- 3 – período pré-histórico situado entre 5000 a.C. a 4000 a.C. ..
- 4 – outro nome dado a idade da pedra polida
- 5 – período que se estende, aproximadamente, entre 500.000 e 18.000 a.C.

6 – período da história que vai da tomada da Constantinopla até a revolução francesa

7 – idade que compreende quase 1000 anos, de 476 d.C. a 1453d.C.
.....

8 – é resultado de qualquer ação criadora e transformadora do homem sobre a natureza.

2 – Representem através de desenhos os períodos que dividem a pré-história.

PALEOLÍTICO

NEOLÍTICO

IDADE DOS METAIS

3 – Quando a afirmativa estiver errada, corrija:

a) A idade antiga um período de mais de 4000 anos

() certo

() errado
.....

b) O homem estudou o passado da humanidade unicamente através de documentos escritos.

() certo

() errado
.....

4 – Monte um pequeno texto em que entram as palavras:
homem, macaco, evolução, criação, Deus, Bíblia.

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

Escola Federal de 1º e 2º Graus Ademar Veloso da Silveira –
Bodocongó

Disciplina: História

Série: 5º série do ensino fundamental Turma: D

Turno: manhã

Estagiária: Ziselma Gomes Nascimento Alves

Professor-orientador: José Benjamim Montenegro

Exercício de Verificação de Aprendizagem

1 – Complete a afirmativa

a) A Constituição Brasileira de 1824 era composta de quatro poderes: _____, _____ e _____. Além desses três poderes há quarto poder, o poder _____ que é exercido pelo imperador e é visto com “a chave de toda organização política”. Dá prerrogativas especiais à primeira para harmonização dos outro poderes.

b) De acordo com a constituição de 1824: “todos eram livres e iguais perante a lei”. Isso concretizou na realidade? Justifique sua resposta.

c) O início dos tempos modernos conheceu um extraordinário progresso no campo Artes, das Letras, da Filosofia e das ciências. A esse progresso cultural chamamos renascimento. Cite algumas características desse período.

d) Explique por que os renascentistas tinham uma visão errônea da Idade Média, que denominamos como: “Idade das Trevas”.

e) As pessoas que viveram na Idade Média não acreditavam mais na igreja como instrumento de salvação da alma. Por quê?

f) Entre as profundas transformações que marcaram o início dos tempos modernos situa-se a Reforma, que ocorreu na primeira metade do século XVI. Esse movimento de ruptura pode ser entendido no contexto amplo de um conjunto de causas religiosas, econômicas, políticas, sociais e culturais, cite uma causa, explicando-a de acordo com o seu entendimento.

g) Com a reforma Protestante, a propagação das idéias luteranas e a divisão da comunidade cristã européia, tornou-se mais urgente a reformulação moral, política e

econômica da igreja. Quais foram a providência tomada pela igreja católica para combater a propagação do protestantismo e reafirmar os dogmas católicos?

Consideração Finais

“Através de seu trabalho específico, a escola deve levar o aluno a compreender a realidade de que faz parte, situar-se nela interpretá-la e contribuir para sua transformação”.

(Equipe de Cenpec)

Já que somos parte integrante dessa sociedade que aí está, devemos portanto tentar transformá-la e essas mudanças tem que começar no escola. Não culpando um outro mas apontando as próprias soluções.

¹ “As referidas respostas e a visão ingênua e mesmo depreciativa do História, que transparece nas referências geralmente irônicas aos “nomes” e “decurebas” ou caráter ilustrativo da cultura inútil, são frutos, obviamente, da natureza do ensino de História que ainda predomina em nossas escolas”.

Esses problemas estão dentro de outros maiores: professores desqualificados, a questão do analfabetismo, evasão escolar, o próprio mercado de livros, etc.

Mas o problema é muito mais amplo do que se pode imaginar. O ensino em geral foi montado como uma peça dentro de uma “engrenagem” maior que é a sociedade, e esta; pertence a todo um sistema que está comandado por uma determinada elite que não só atinge a disciplina de História mas todas as outras.

Esse sistema nos torna passivos, indiferentes com a realidade que aí está; sendo assim, somos fáceis de sermos manobrados pois passamos a ser acomodados, a gostar de receber tudo de bandeja, a não reivindicar, não lutar para transformar ou para construir nossos próprios caminhos. Tentar convencer que não somos capazes é o que sempre tentarão fazer.

1 – CRUZ, Marília Beatriz Azevedo. O ensino de história no contexto das transições paradigmáticas da história e da educação.

A disciplina História tem então que tentar mudar a sociedade que aí está', tornando as pessoas mais críticas, levando as pessoas a pensarem em como melhorar a realidade, a ser crítico, a lutar pela "liberdade", transformando seu presente com a ajuda do passado; é assim que a aula de História deve ser transmitida pelos professores aos seus alunos.

Bibliografia

- MORAES, José Geraldo Vinci de. Caminhos das Civilizações/História Integrada Geral e Brasil; SP, Editora Atual, 1998.
- História das Sociedades: das sociedades modernas às sociedades atuais/por/Rubim S. Leão de Aquino e outros/Rio de Janeiro, 1978.
- SEVCENKO, Nicolau. O renascimento. 17º ed. São Paulo. Atual, 1994. Coleção Discutindo a História.
- História Geral – moderna e contemporânea, V.2; Alfredo Boulos Júnior. Ed. Renovado, São Paulo: FTD, 1997.
- História Geral e História do Brasil – Toda a História – José Jobson de A. Arruda, Nelson Piletti – 4ºed – Editora Ática, 1995.
- AZEVEDO, L. de. A História dos Povos 4: sociedade mundial: moderna e contemporânea.
- VINCENTINO, Cláudio. História Integrada da pré-história à idade média; Brasil Geral: 5º série. SP, Scipione, 1995.
- SILVA, Francisco de Assis, 1937 – História Geral: moderna e contemporânea: 8ª série; 1º grau/SP: Ed. Moderna, 1985.
- SARONI, Fernando, 1929 – História das Civilizações – Vital Darós – São Paulo: FTD, 1979.
- História Geral, Antiga e Medieval. V.1/ Alfredo Baulos Júnior, Edição Renovada, São Paulo: FTD; 1997.
- FERREIRA, José Roberto Martins, 1950. História: 5ª série – Edição Reformulada – São Paulo, FTD, 1997.
- SCHMIDT, Mário. História Crítica do Brasil. 2º grau, Editora Nova Geração. 7ª edição, 1996.

Anexo

02/03/99 Palças dos alunos da 5ª manha

- 1 MICHEL ANTONIO do ASSIS
- 2 Zair Carlos Almeida Simão
- 3 Moisés Drobosa Madureira
- 4 Lúcia Dalva Almeida Simão
- 5 WAGNER SOARES
- 6 Luciano Rosma de Moura
- 7 Mauriz Gagner Maliaz
- 8 Rafael Gabill Lima da Silva
- 9 Antonio Martins dos Santos Júnior
- 10 Valtemir de Oliveira Lima Jr
- 11 Jure Anchieta dos Santos Júnior
- 12 Waldemar Aguiar Santos
- 13 - Lícia Bezerra Francisco
- 14 - Patrícia Danyelly Barroz Cruz
- 15 - Jureilda Gomes Ferreira
- 16 - Karla Danielle Gomes de Lima
- 17 - Sayonara B. Alves
- 18 - GERMANO DA A. SILVA
- 19 - Luciano Mendes JORIAS
- 20 - SHEYLA TEIXEIRA DIAS
- 21 - Philippi P. R. G. Paiva
- 22 - Humberto Lathelly Gonçalves de Figueiredo
- 23 - Aldemir dos Santos Fernandes
- 24 - Michelle Nascimento de Queiroz
- 25 - Rogério Cavalcante Silva
- 26 - FILIPE SOARES MACIEL
- 27 - Almir Manoel dos Santos
- 28 - Beatriz Bezerra do S. Silva
- 29 - Ana Paula Santos Nascimento
- 30 - Sândya Ferreira dos Santos
- 31 - João Felix dos Santos
- Arizelle de Souza

Escola Estadual de 1º e 2º graus

Ademir Vellozo da Silveira

Campina Grande 03/03/99

Disciplina = História

professora = Neiva

Cooperativa = Zezelma

Série = 5º D

Turno = manhã

Aluna = Fabriceia Danyelly Barros Cruz

Exercício de revisão

1º) Responda

a) Como chamamos o período que se entende desde o aparecimento do homem até o surgimento da escrita

pré-história

b) Como os egípcios contam o tempo?

Desde o nascimento do egípcio

c) Quais são os 4 períodos

Antiga - média - moderna - contemporânea

2º) Escreva os séculos referentes aos anos abaixo

a) 1500 15

d) 1476 5

b) 1898 19

e) 321 4

c) 1453 15

1 / 1

3º) Localize os períodos na linha do tempo:
4000 a. c.; 5.000 a. c.; 476 d. c.; 1453 d. c.

5000 4000 a. c. 476 1453

4º) Quando a afirmativa estiver errada corrija:

a) ~~3~~ ² séculos na idade moderna.

() certo ~~3~~ ² séculos na idade

(X) errado contemporânea

b) O desenvolvimento do Brasil deu-se na idade média

() certo (X) errado
na idade moderna

5º) Localize as divisões da história.

ap. ^{4000 a. c.} pré-história / ^{476 d. c.} antiga / ^{1453 d. c.} média / ^{XVII} moderna / ^{atual} contemporânea

Fim

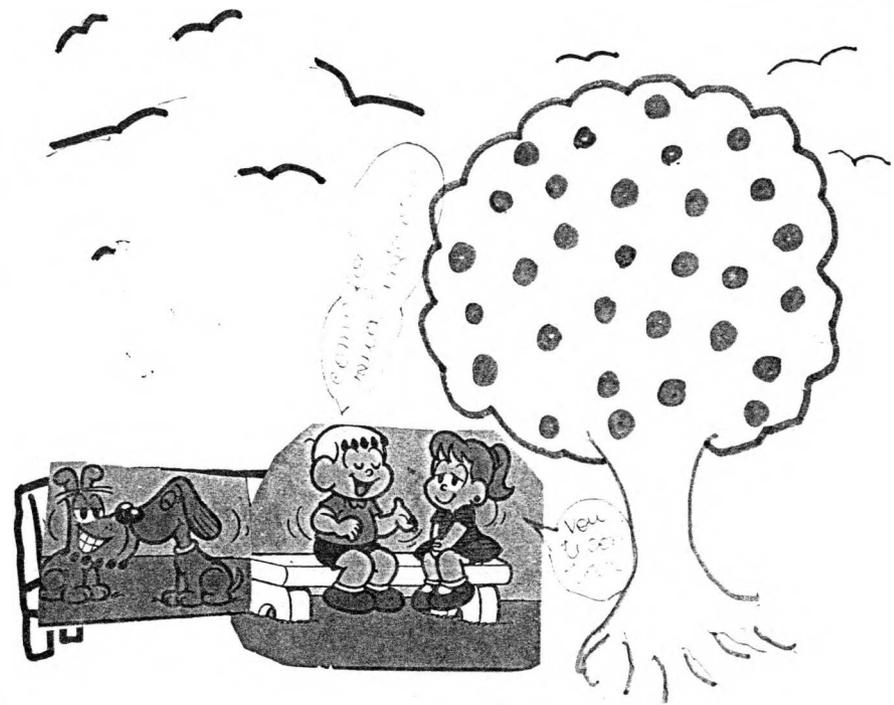
Essa é um
pequeno de minha

Infância

Minha Infância

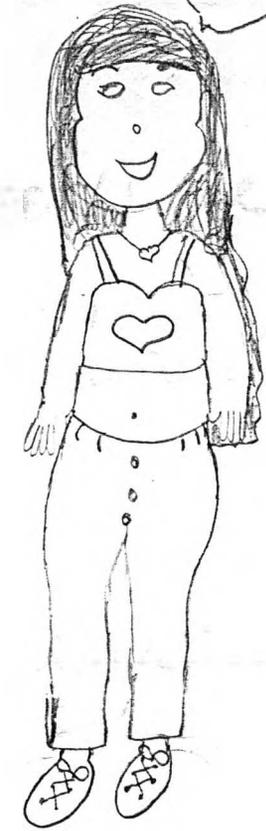
Ana Paula

de Nina Gomes



começo

É orelha aqui com 12 anos
e espero chegar a idade
adulta, a velhice, até
Deus me levar.



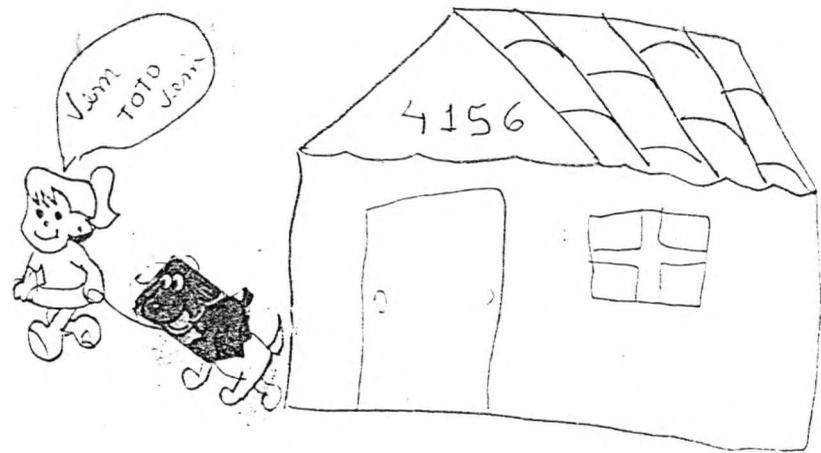
TCHAU

5

adolescente de 12 anos



Depois de dois anos passados estou com quatro anos passando com meu cachorro



criança de 4 anos

②

agora estou com 6 anos na escola pela primeira vez.

criança de 6 anos



A-B-C-D-E-F
G-H-I-J-L-M
N-O-P-Q-R-S-T
U-V-X-Z

agora estou com oito brincando com os meus amigos e meus colegas



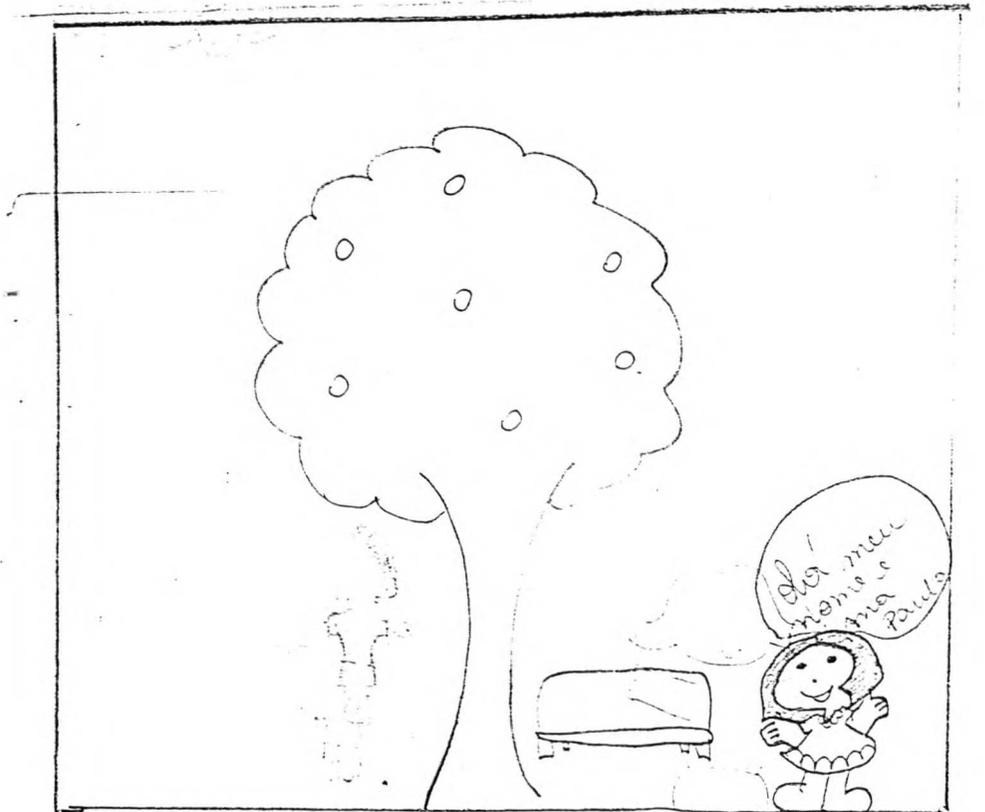
criança de 8 anos

③

Aqui é dez anos e estou
numa loja de roupas



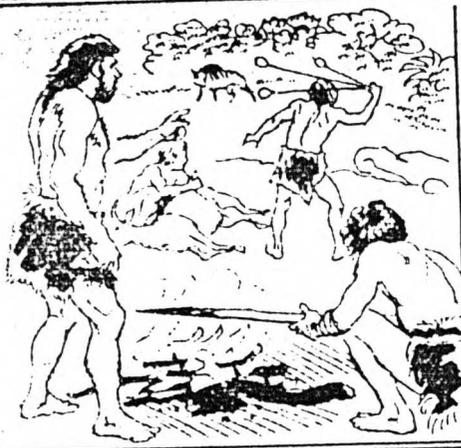
Minha tia começa aqui.
tudo começa quando eu era um
bebê de dois anos brincando na pra-
ça



④ menina de 10

bebê de dois anos

①



A PRÉ HISTÓRIA

Há 15 bilhões de anos, teria acontecido uma grande explosão. Um número incrível de partículas de matéria se espalhou pelo espaço. Essas partículas se agruparam, formando as estrelas e os planetas. A Terra teria surgido há cerca de 5 bilhões de anos; no início, ela era apenas uma grande bola de fogo.

Durante milhões de anos, a Terra foi se esfriando. O resultado desse esfriamento foi uma gigantesca chuva que durou muito tempo. Essa chuva formou um grande oceano. A parte não coberta pela água formou um imenso continente. No oceano primitivo, foram criadas as condições para o surgimento das primeiras formas de vida. Os seres vivos aquáticos do reino animal deram origem, há cerca de 400 milhões de anos, aos peixes. Os mais famosos descendentes desses peixes foram os dinossauros. Muito antes desses peixes, a Terra já apresentava uma grande variedade de plantas e de insetos, ambos originários das primitivas formas de vida aquáticas.

De acordo com a Bíblia, os seres humanos foram criados à sua imagem e semelhança mas no século XIX, esta idéia passou a ser criticada pelos cientistas, que através de pesquisas arqueológicas, passaram a defender a teoria evolucionista, segundo a qual o homem é resultado de um lento processo de evolução.

Todos os seres humanos descendem do mesmo ancestral comum, o hominídeo, cujos fósseis mais antigos foram localizados no continente africano. As primeiras espécies aí encontradas, e que representam a mais primitiva forma de vida humana, foram o Australopithecus (da África austral) e o Homo habilis (homem com habilidade). O Australopithecus habitou o planeta há mais de 3 milhões de anos, possuindo já uma arcada dentária e um esqueleto idênticos aos do homem atual. Além disso, já andava sobre dois pés e possuía um cérebro pequeno, porém maior que dos antropóides (orangotangos, gorilas, chimpanzés).

Já o Homo habilis, cuja existência na Terra remonta há mais de 2 milhões de anos, foi o primeiro a fabricar e utilizar instrumentos para diversos fins, além de já ter o domínio sobre o fogo. Parece ter sido o Homo erectus a última escala evolutiva até o homem atual. Dele descendem todas as raças humanas existentes, brancas, orientais ou negros. Foi também o primeiro a abandonar a África, com seu nomadismo, espalhando-se pelo mundo.

Todo o longo período desde que o homem apareceu na Terra até a época da invenção da escrita é denominado Pré-história que divide-se em Paleolítico ou Idade da Pedra lascada que é a fase mais primitiva da evolução do homem, onde ele luta com a natureza a fim de sobreviver; o Neolítico onde o homem deixa de ser nômade e aprende a domesticar animais e desenvolver a agricultura e a Idade dos Metais que é quando o homem aprende a fundir os metais e a utilizá-los.

DIVISÃO DOS SÉCULOS

1	101	201	301	401	501	601	701	801	901	1001	1101	1201	1301	1401	1501	1601	1701	1801	1901
a	a	a	a	a	a	a	a	a	a	a	a	a	a	a	a	a	a	a	a
100	200	300	400	500	600	700	800	900	1000	1100	1200	1300	1400	1500	1600	1700	1800	1900	2000
I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII	IX	X	XI	XII	XIII	XIV	XV	XVI	XVII	XVIII	XIX	XX

QUANDO FOI...

A pré-História

Paleolítico ou Idade da Pedra Lascada (c. 3000000-15000 a.C.):

- surgimento dos primeiros homens (hominídeos), que caçavam, pescavam e coletavam;
- nomadismo;
- controle do fogo;
- fabricação de instrumentos em osso e pedra (*Homo habilis*);
- grandes alterações no clima (glaciações), fauna, flora; formação de vales e rios;
- apoiando-se apenas sobre os pés, o homem libera as mãos para o trabalho (*Homo erectus*);
- registros coloridos nas paredes das cavernas (*Homo sapiens*);
- armazenamento de água e alimentos em cerâmica;
- primeiras manifestações religiosas (sepultamentos);
- confecção de estatuetas;
- surgimento de duas subespécies: *Homo neanderthalensis* e *Homo sapiens sapiens*.

Neolítico ou Idade da Pedra Polida (c. 15000-6000 a.C.):

- o clima da terra se define melhor com o fim das glaciações;
- o homem descobre o uso da semente (Revolução Agrícola) e torna-se sedentário;
- domesticação de animais (cabras, ovelhas, cães, porcos e bois);
- construção (barro, palha, madeira e pedra) das primeiras aldeias próximas aos rios;
- tecelagem da lã e do algodão;
- acentua-se a divisão sexual do trabalho: homens — caça, pesca, pecuária, fabricação de armas, cuidam dos animais e preparam a terra; e mulheres — plantação, cultivo, colheita e artesanato;
- propriedade coletiva das terras, dos animais e dos instrumentos;
- primeiros objetos em metal;
- início das trocas de produtos entre as aldeias;
- invenção da roda e do arado.

Idade dos Metais (c. 6000-4500 a.C.):

- aperfeiçoamento da metalurgia e ampliação do uso do ferro e do bronze;
- na África e no Oriente surgem as primeiras cidades próximas aos templos;
- canais de irrigação ampliam as áreas férteis;
- inovações nos instrumentos e nas técnicas permitem o aumento da produção agrícola; crescimento do comércio;
- grandes construções e plantações requerem uma organização centralizada do trabalho; formam-se governos com um rei e funcionários;
- estabelecem-se cobranças de impostos para sustentar a administração;
- constituem-se exércitos para proteger o território e o governo;
- surge a escrita.

HISTÓRIA
(Fase dos documentos escritos)

IDADE CONTEMPORÂNEA	1880 → Hoje
	1070
	1980
	1050
	1032
	1930
	1900
	1889
	1822
	1800

1789 d.C. Revolução Francesa

IDADE MODERNA	1780
	1750
	1700
	1650
	1600
	1554
	1500
	1492

1453 d.C. Tomada de Constantinopla

IDADE MÉDIA	1400
	1300
	1200
	1100
	1000
	800
	500

476 d.C. Fim do Império Romano do Ocidente

IDADE ANTIGA	300	
	200	
	100 d.C.	
	50 d.C.	
	1	
	Nascimento de Jesus de Nazaré	
	100 a.C.	
	200 a.C.	
	300 a.C.	
	400 a.C.	
	500 a.C.	
	600 a.C.	
	700 a.C.	
	800 a.C.	
	900 a.C.	
1000 a.C.		
2000 a.C.		
3000 a.C.		

4000 a.C. Invenção da escrita

PRÉ-HISTÓRIA
(Fase dos documentos não-escritos)

PALEOLÍTICO NEOLÍTICO	IDADE DOS METAIS

JOGO MORTE

DEMÉTRIO GOSTAVA DE JOGOS DESDE QUE NASCEU...

QUERIDO! ELE ESTÁ FALANDO!

BI-BI-BINGO!

MS-PODAN11712

NA INFÂNCIA...

APOSTO QUE VOCÊ NÃO É CAPAZ DE FICAR QUINZE MINUTOS SEM APOSTAR NADA!

TA' APOSTADO!

...NA ADOLESCÊNCIA...

DESCULPA, LU! MAS EU PERDI VOCÊ NO JOGO!

...SEU PRIMEIRO EMPREGO FOI COMO CARTEIRO...

OBA! ASSIM EU FICO JOGANDO CARTAS O DIA INTEIRO!

DEPOIS COM PROCELOAMNID DE PAUOS

COM A NAMORADA...

E O NOGGO PARG-EL? ESQUECEU OU ESTAVA COM OUTRA?

PENGEI QUE ERA OUTRA COISA!



QUATRO!

TIREI UMA QUADRA DE DAMAS NO PÔQUER!

...UM DIA SE CASOU...

PAGO PRA VER!

...E ASSIM CONTINUOU A VIDA INTEIRA...

...ATÉ QUE...

ADORO JOGAR PACIÊNCIA!

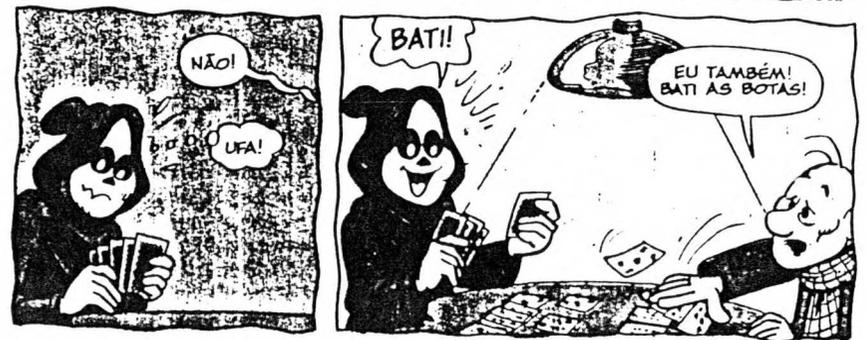
QUEM SERÁ A ESTA HORA?

TOC TOC TOC

DEMÉTRIO ESPADA?

PODE APOSTAR!





2111 N. 11th St. U.S. 111

terciária saudas santas de Bruma
M^a do Socorro Basilio
Eduense Rodrigues da Silva.

Neusa Macedo
Rosilene Deljuno Barbosa.
Claudineide Tomaz
CLAUDIONOR MEUNDES DOS SANTOS

PAULO CESAR FERREIRA SILVA
tata de Carolina Karim

Joelma Justino de Almeida.
Olímpiola Maria Santana
Fábia Paula Santos
Luiz Nereu Brito Diniz
Vaniúbia Pereira de Sousa.

M^a das Vitórias Oliveira da Silva.
M^o Suzinete V. Bezerra
Terato de ~~Roberto~~ ~~Roberto~~ ~~Roberto~~
Elizete de Santa Rosa
Valerindo Araújo Sales

Murilo do Carmo dos Santos
Maria Gótti Guedes Borges.
M^a da Conceição Barbosa
José de Assis Alves Ramos
Suelene Dantas da Silva

Pedro Farias
William Farias Silva
Zenilde Alves de Almeida

1º Exame
2º Exame
3º Exame
4º Exame
5º Exame
6º Exame
7º Exame
8º Exame
9º Exame
10º Exame

Exata Cotadual de 1º e 2º Exame Ademar Deloris da Silveira
Campina Grande 08/10/1999
Aluna: Fálcia Paula Gantou

1º) Exercício de História

1º) Caracterize a Constituição de 1824?

A constituição de 1824, definiu a instauração de uma monarquia constitucional, hereditária e centralizadora, ao lado do funcionamento dos três poderes (Executivo, Legislativo e Judiciário) e um poder Moderador.

2º) Você acha que esta constituição mostrou-se muito contraditória? Porquê?

Sim, porque houve grandes mudanças e dificuldades.

3º) Cite as principais dificuldades de tanta invasão de facção e das crises que abalaram todo o primeiro reinado? As diversas tendências políticas, decorrentes das diferentes interesses das elites, disputam o poder entre si e com a burocracia real, pois mesmo com a autonomia política, essa parte de estrutura de Estado montada por Portugal manteve-se.

4º) Elabore uma pergunta e responda.

"Diga qual o primeiro país a reconhecer o Brasil, em junho de 1824?"

Foi os Estados Unidos da América.

9 = Exercício

1 =) Explique com suas palavras o que foi o Renascimento? Foi um processo de resurgimento do Comércio e das Cidades.

2 =) Quais suas principais características? a Renascença, a guerra dos 100 anos e as Revoltas populares.

3 =) Por que a Itália foi considerada o "berço do Renascimento"? Porque o Renascimento surgiu no território italiano. Leonardo da Vinci (pintor de "A Última Ceia", "A Gioconda" ou "Mona Lisa") além de escultor, matemático, músico, filósofo, etc.

4 =) Quem eram os Humanistas? Um conjunto de indivíduos que desde o século anterior vinha se dedicando para estudar e renovar o padrão de estudos ministrados tradicionalmente nas universidades medievais.

5 =) O que foi o processo de resurgimento do Comércio e das Cidades. Foi o Renascimento.

PRIMEIRO REINADO: A FORMAÇÃO DO ESTADO NACIONAL BRASILEIRO.

A implantação da monarquia brasileira e a organização do Estado Nacional não colocaram fim às lutas políticas internas, e os combates surgidos na Assembléia Constituinte são um bom exemplo da continuidade das disputas entre as elites dirigentes.

Durante todo o Primeiro Reinado, as diversas tendências políticas, decorrentes dos diferentes interesses das elites, disputam o poder entre si e com a burocracia reinol, pois mesmo com a autonomia política, boa parte da estrutura de Estado montada por Portugal manteve-se.

Portanto, desde o início, a formação do Estado Nacional Brasileiro foi marcada por conflitos e por acirradas disputas políticas. Apesar das relativas diferenças políticas e de alguns interesses conflitantes, de modo geral setores das camadas dirigentes pretendiam implantar um Estado forte.

Além disso, havia um problema adicional com o jovem D. Pedro I que, recém-empossado como imperador, tinha que lutar para alcançar autoridade política interna e reconhecimento externo de uma jovem nação.

O processo de constituição do Estado independente teve início em Junho de 1822, com a convocação da Assembléia Constituinte por D. Pedro I, apoiado por grande parte da elite brasileira articulada no "Partido brasileiro", num claro sinal de que o rompimento político entre Brasil e Portugal era inevitável.

No entanto, em virtude dos problemas políticos e que culminaram na formalização da Independência, a Assembléia somente começou a funcionar em Maio de 1823.

A Imprensa, especialmente do Rio de Janeiro, ampliava o campo de suas críticas: a lentidão dos deputados no trabalho constituinte, as ações do governo e os privilégios que os portugueses residentes no Brasil ainda mantinham.

A essa altura, José Bonifácio de Andrada e seu irmão, Antônio Carlos, que eram figuras destacadas do cenário político, davam sinais de que perderiam o controle sobre a Assembléia. Na tentativa de assegurar a aprovação de suas propostas, eles foram buscar apoio do imperador, mas não obtiveram sucesso, o que os levou a ficarem contra o imperador.

As tensões políticas surgidas na Assembléia, no governo e na Imprensa, e a existência de alguns confrontos entre portugueses e brasileiros, tornaram a situação política explosiva, a tal ponto que boa parte dos deputados colocou-se contra D. Pedro I e a Câmara declarou-se em sessão permanente.

Imediatamente, em 12 de Novembro de 1823, com o apoio dos militares, o imperador dissolveu a Assembléia, cujos membros prometeram resistir (noite de agonia). Sem encontrar a resistência prometida, D. Pedro I prendeu e exilou diversos deputados, inclusive os Andradas, e anunciou a elaboração de uma Constituição.

Em 25 de Março de 1824, o imperador outorga uma carta constitucional à nação, que funcionaria com algumas pequenas modificações, até a proclamação da República.

A primeira Constituição brasileira - permitiu a excessiva centralização de poder e desconsiderou a realidade social marcada pela escravidão. Ela definiu a instauração de uma monarquia constitucional, hereditária e centralizadora, pois ao lado do funcionamento dos três poderes (Executivo, Legislativo, Judiciário) criou o poder Moderador, que seria exercido exclusivamente pelo imperador, conferindo-lhe poderes superiores e de vetos sobre os demais. Sendo assim, o poder real sobrepunha-se aos outros três poderes tradicionais.

Além disso, a Constituição concedeu pouca autonomia política às províncias. O Sistema Eleitoral era em dois turnos, indireto e censitário, ou seja, era preciso uma renda mínima para votar e ser votado.

Esse dispositivo eleitoral excluía a grande maioria da sociedade do processo político eleitoral, pois impedia que as camadas pobres, bem como os analfabetos, os escravos e as mulheres, participassem do colégio eleitoral ou se candidatassem.

O Senado era vitalício e cada senador eleito era escolhido em lista triplíce pelo imperador. O Estado foi oficialmente considerado católico, portanto, inseparável da Igreja. A escravidão, base da economia, não foi extinta.

Logo após a Independência, a jovem nação teve que obter o reconhecimento internacional para consolidar-se política e economicamente no quadro das nações independentes.

O primeiro país a reconhecer o Brasil, em Junho de 1824, foram os EUA, que tinham em vista as futuras alianças comerciais que poderiam estabelecer no continente. Portugal, cujo reconhecimento era particularmente importante, pois somente assim outros países europeus aceitariam fazer o mesmo, reconheceu nossa emancipação em Agosto de 1825, após longas negociações e a indenização de 2 milhões de libras paga pela ex-colônia. A Inglaterra também teve um papel importante na afirmação de nossa independência, reconhecendo prerrogativas comerciais com o Brasil e negociando com outras nações, sobretudo Portugal.

Internamente o imperador também enfrentou algumas tensões políticas, a maior parte delas surgidas no Nordeste, algumas com pretensões separatistas. Na Bahia, enfrentou avanço de tropas portuguesas contrárias à independência que dominaram a entrada de Salvador. Como o país ainda não tinha exército organizado, foi contratado um almirante inglês lorde Cochrane que, aliado aos senhores de engenho e tropas vindas do Rio de Janeiro, comandou a resistência e a vitória em 2 de Junho 1823. Em outros Estados do Norte - Nordeste, como Piauí, Pará, Maranhão, também ocorreram inúmeros conflitos políticos, fruto da resistência da população e as vezes da ação de Cochrane contra os portugueses que se opunham à independência.

No plano interno, o imperador enfrentou novos problemas no Nordeste com a eclosão da Confederação do Equador em 1824. O fato definitivo que desencadeou a revolta foi a nomeação de um governador da província indesejado pelos pernambucanos. Iniciado o movimento, em Julho os revoltosos instituíram a Confederação do Equador, que deveria reunir as diversas províncias nordestinas por onde a revolta se espalhou. Logo os revoltosos convocaram uma Assembléia Constituinte e aboliram o tráfico negreiro no porto de Recife.

Porém, rapidamente a monarquia organizou as forças repressivas para conter a revolta, temendo suas pretensões separatistas. Após vários enfrentamentos, em Novembro de 1824, os últimos revoltosos se renderam no Ceará. Os líderes foram levados a um tribunal que, de acordo com as determinações do governo imperial, foi duro nas condenações imputando-lhes a pena de morte. Frei Caneca (de origem humilde, seu apelido surgiu do fato de ele vender, quando garoto, canecas nas ruas de Recife), religioso que já havia participado da Revolução de 1817, foi um dos líderes da Confederação do Equador e sua execução foi complicada, pois os carrascos se recusaram a enforcá-lo, sendo por isso fuzilado.

A década de 1820 foi repleta de tensões políticas e problemas econômicos, frutos do processo de independência e construção de nosso Estado Nacional. Diante desse quadro crítico, a autoridade e popularidade de D. Pedro I foi enfraquecida. Um fato que reforçou essa postura foi a luta pela sucessão do trono português em razão da morte de D. João VII, em 1826, o que possibilitaria a ascensão de D. Pedro I como rei de Portugal.

Ele preferiu abdicar em favor de sua filha Maria Glória, menor de idade, afastando os temores dos brasileiros de um possível restabelecimento de laços entre os dois países.

D. Miguel, em 1828 deu um golpe e proclamou-se rei de Portugal, desencadeando uma verdadeira guerra sucessória. D. Pedro I envolveu-se diretamente na disputa e gastou volumosas verbas do tesouro nacional.

No início da década de 1830, o processo de desgaste político do imperador tornou-se irreversível. O assassinato do jornalista opositor Libero Badaró em 1830 e os confrontos entre os portugueses e brasileiros contribuíram para o agravamento da situação, que culminaria com a "Noite das Garrafadas", quando a luva tornou-se aberta.

O insustentável quadro político acabou impondo a abdicação de D. Pedro I em 7 de Abril de 1831. O imperador deixou o trono ao seu filho Pedro de Alcântara, então com apenas 5 anos de idade, e partiu para a Europa a fim de recuperar o trono português ocupado por seu irmão, o que de fato conseguiria.

Em suma, podemos dizer que o fim do Primeiro Reinado significou o término da primeira etapa de constituição do Estado Nacional. Os conflitos diretos entre portugueses e brasileiros, a velha e a nova burocracia, etc. desapareceram parcialmente, dando lugar a outros tipos de confrontos, pois durante as regências as crises sociais e políticas permaneceram e algumas delas tornaram-se mais radicais, demonstrando que a independência não era suficiente para pôr fim aos conflitos de interesses existentes no país.

BIBLIOGRAFIA

MORAES, José Geraldo Vinci de . Caminhos das Civilizações/ História Integrada : Geral e Brasil; SP, Editora: Atual, 1998.

QUESTÕES

- 1- Caracterize a Constituição de 1824?
- 2- Você acha que esta Constituição mostrou-se muito contraditória? Porque?
- 3- Cite as principais dificuldades de tanta insatisfação e das crises que abalaram todo o Primeiro Reinado?
- 4- Elabore uma questão e responda.

**QUE TODOS ERAM LIVRES
E IGUAIS PERANTE A LEI...**

MAS

A MAIORIA ERA ESCRAVA.

**QUE TODOS TINHAM
DIREITO À PROPRIEDADE...**

MAS

**19/20 DA POPULAÇÃO RURAL
NÃO-ES CRAVA ERA SEM TERRA.**

**QUE ESTAVA GARANTIDA
A LIBERDADE DE EXPRESSÃO...**

MAS

**MUITO JORNALISTA DE OPOSIÇÃO
FOI PRESO E ASSASSINADO.**

**QUE ESTAVA ABOLIDA
A TORTURA...**

MAS

**OS ESCRAVOS (NÃO CONSIDERADOS
CIDADÃOS) CONTINUAVAM EXISTINDO.**

**QUE HAVERIA JUSTIÇA
PARA TODOS...**

MAS

**SÓ HAVIA PARA DEFENDER
OS PODEROSOS PROPRIETÁRIOS.**

P. Qual o seu envolvimento com o tema deste livro?

R. É enorme! Eu vivi um período de intensa mudança cultural, em torno do final dos anos 60 e início dos 70, me empenhei e acreditei profundamente nas possibilidades prodigiosas daquele fluxo inconformista e transformador que louvava o amor, a paz, a liberdade e a fantasia. Mas um dia o sonho acabou e eu me dei conta de que a maior parte das pessoas manifestava um sentimento oscilante entre o desprezo, o ridículo e a indiferença para com os visionários. Do resíduo de esperança e inquietação e da enorme perplexidade que se seguiram a essa experiência dolorosa, nasceu o desejo de entender as raízes ambivalentes de nossa cultura, presa entre o anseio de um mundo melhor e o horror da mudança. Foi essa preocupação que me levou a sondar o Renascimento, a revolução cultural que fundou nosso mundo moderno.

Outras razões mais circunstanciais também me auxiliaram muito nesse percurso. Ocorre que dentre o círculo de meus amigos mais íntimos, vários são artistas ou professores de História da Arte. Eles me auxiliaram muito, estimulando a elaboração deste texto, esclarecendo minhas idéias, sugerindo e me emprestando seus livros. Gostaria, por isso, de agradecer a Antonio Hélio Cabral, Murilo Marx, Ronei Bacelli, Maria Cristina Costa Sales, Kléber Ferraz Monteiro, Elias Thomé Saliba e muito especialmente a Maria Cristina Simi Carletti, que discutiu toda a estrutura do texto comigo, foi o diapasão das avaliações estéticas, colaborou na escolha das ilustrações, compartilhou das minhas aflições e a quem dedico este trabalho.

P. De que forma o conhecimento da cultura renascentista pode auxiliar no entendimento do presente?

R. A história da cultura renascentista nos ilustra com clareza todo o processo de construção cultural do homem moderno e da sociedade contemporânea. Nele se manifestam, já muito dinâmicos e predominantes, os germes do individualismo, do racionalismo e da ambição ilimitada, típicos de comportamentos mais imperativos e representativos do nosso tempo. Ela consagra a vitória da razão abstrata, que é a instância suprema de toda a cultura moderna, versada no rigor das matemáticas que passarão a reger os sistemas de controle do tempo, do espaço, do trabalho e do domínio da natureza. Será essa mesma razão abstrata que estará presente tanto na elaboração da imagem naturalista pela qual é representado o real, quanto na formação das línguas modernas e na própria constituição da chamada identidade nacional. Ela é a nova versão do poder dominante e será consubstanciada no Estado Moderno, entidade racionalizadora, controladora e disciplinadora por excelência, que extinguirá a multiplicidade do real, impondo um padrão único, monolítico e intransigente para o enquadramento de toda sociedade e cultura. Isso, contraditoriamente, fará brotar um anseio de liberdade e autonomia de espírito, certamente o mais belo legado do Renascimento à atualidade.

P. Como explicar a pujança do Renascimento, surgindo em continuidade à miséria, à opressão e ao obscurantismo do período medieval?

R. O Renascimento assinala o florescimento de um longo processo anterior de produção, circulação e acumulação de recursos econômicos, desencadeado desde a Baixa Idade Média. São os excedentes dessa atividade crescente em progressão maciça que serão utilizados para financiar, manter e estimular uma ativação econômica. Surge assim a sociedade dos mercadores, organizada por princípios como a liberdade de iniciativas, a cobiça e a potencialidade do homem, compreendido como senhor todo poderoso da natureza, destinado a dominá-la e submetê-la à sua vontade, substituindo-se no papel do próprio Criador. O Renascimento, portanto, é a emanação da riqueza e da abundância e seus maiores compromissos serão para com ela.

P. A liberdade de escolha entre o bem e o mal parece ter sido uma das polêmicas introduzidas pelo Renascimento. Como é que o homem renascentista se posiciona com relação ao exercício da liberdade plena?

R. A certa altura de uma das mais importantes peças de Shakespeare, o personagem Lord Macbeth declara: "Ouso tudo que é próprio de um homem; quem ousar fazer mais do que isso não o é". Essa postura revela com extraordinária clareza toda a audácia da experiência renascentista. Tratava-se, com efeito, de uma prática cujos gestos mais ousados lançaram seus participantes para além de si mesmos, colocando-os no limiar entre o demônio e o próprio Deus. Se o orgulho pela descoberta de sua prodigiosa capacidade criativa e pela revelação de virtudes, de técnica e intelecto que jamais suspeitaram em si aproximava-os da figura do Pai Eterno, sua vaidade afetada e a cobiça sem freios que desencadeavam arrastava-os para as legiões do Príncipe das Trevas. E, no entanto, a opção era clara: tudo que os renascentistas pretendiam era assumir a condição humana até seus limites, até as últimas conseqüências. Nem Deus e nem o demônio; todo o desafio consistia em ser absolutamente, radicalmente humano, apenas humano.

Mas até que ponto os poderes dominantes poderiam tolerar as conseqüências dessa liberdade? Sobretudo se ela retornava para a sociedade em forma de dúvida, de crítica, de relativismo e, muito pior, de ironia? Alguns ficaram aquém, outros ultrapassaram os limites do permitido, atacando os privilégios dos poderosos e pagando com o que tinham de mais caro: sua consciência, sua liberdade, seu corpo e sua própria vida.

P. Certa vez ouvi você comparando a experiência do artista renascentista com a empresa das grandes navegações. Como seria isso?

R. Nós temos no Renascimento um desses momentos particularmente interessantes da História, em que o homem aparece transornado, atônito, sufocado pelo peso da própria liberdade. Nessas condições podemos

crítica literária, crítica filológica, crítica histórica; a atividade, como se pode ver, foi uma das características mais notáveis do movimento humanista. Uma atividade crítica voltada-voltada para a concepção da mudança, para as transformações dos costumes, das línguas e das civilizações.

O Humanismo está incluído num movimento cultural mais amplo, chamado Renascimento. A palavra "renascimento" exprime, de certa maneira, o julgamento que a classe culta, especialmente dos séculos XV ao XVI, fazia da Idade Média. Esta passou a ser considerada como um período de estagnação, de retrocesso, de ignorância. Era preciso, dizia-se, voltar às fontes da cultura clássica e fazer reviver ou renascer o extraordinário legado que a Antiguidade havia deixado. Os humanistas renascentistas, em oposição ao que consideravam as "trevas medievais", exaltam os novos tempos em que ressurgem as letras e as artes. Então o Renascimento foi um movimento artístico, literário e científico dos séculos XV ao XVIII.

Os homens do Renascimento tinham consciência de viver em época diferente da medieval; que repudiavam com Idade das Trevas. Assim punham-se ao relativismo, coletivismo, antinaturalismo, teocentrismo e geocentrismo. A racionalização envolve a capacidade de perceber as diferenças, de individualizar as coisas. Daí a segunda característica do Renascimento: o individualismo, que se transformou em otimismo na medida em que ampliou a crença nas próprias potencialidades do homem. A capacidade de individualizar as partes levou à análise, à própria descoberta da natureza: o naturalismo. Claro que das maravilhas criadas por Deus, o homem é a obra-prima. Ele é o centro das preocupações. Nasce assim o antropocentrismo. Já a tentativa de entender o Universo daria origem ao heliocentrismo, concepção de que o Sol, e não a Terra, é o centro do Universo.

O fenômeno cultural caracterizado como Renascimento e o movimento intelectual denominado Humanismo incluíram-se na Península Ibérica pela sua procedência e importância. O Renascimento italiano, com acentuado espírito crítico, teve como representantes principais Dante Alighieri ("A Divina Comédia"), Niccolò Machiavel ("O Príncipe", "A Mandrágora"), Giovanni Boccaccio ("O Decamerão"), Torquato Tasso ("Jerusalém Libertada"), Ariosto ("Orlando Furioso"), Francesco Guicciardini ("História da Itália"), todos italianos, além do espanhol Miguel de Cervantes ("D. Quixote de la Mancha"), dos ingleses William Shakespeare ("Romeu e Julieta", "Otelo", "Hamlet" e outras peças teatrais) e Thomas Morus ("A Utopia"), do português Luís de Camões ("Os Lusíadas"), e do Espanhol de Roterdão ("Elogio da Loucura"), dos Países Baixos.

O Renascimento Artístico teve seus expoentes em Leonardo Da Vinci (pintor de "A Última Ceia", "A Cêceada" ou "Mona Lisa", além de esculturas, músicas, trabalhos filosóficos e mecânicos, etc.), Miguel Ângelo, de decorou a Capela Sixtina, destacando-se o conjunto do "Juízo Final", e esculpiu as estátuas de Moisés, Davi e Pieta; Rafael Sânzio famoso pelas pinturas de "Madonas" e "Corcegas" ("Cópula da igreja de São João"), na Itália e Albrecht Dürer ("Cristo Crucificado"), pintores alemães; Rubens, pintor flamengo e Murillo e El Greco (de origem grega), mestres da pintura espanhola.

No Renascimento científico avultam o polonês Nicolau Copérnico, Leonardo Da Vinci, Galileu Galilei, Johannes Kepler, André Vesúlio, Miguel de Servet e William Harvey, entre outros.

Os historiadores dividem o Renascimento italiano em três momentos: Trecento (século XIV), onde nasce um novo estilo, dando vida às figuras, buscando a docilidade das formas, a expressividade das personagens, a profundidade dos cenários; destacam-se Spinello Aretino, de Siena, Dante, Petrarca e Boccaccio. No Quattrocento, destaca-se a Escola Florentina, impulsionada pelo mecenato dos Medici e no Cinquecento, quando as obras chegaram ao mais alto grau de elaboração, passou por dificuldades: a expansão portuguesa e espanhola, que deslocou o centro econômico para o Atlântico; a invasão do Rei Carlos VIII da França em 1494; e o saque de Roma por tropas espanholas e alemãs. Entre o 1503 e 1521, o ambiente tornou-se favorável. Bramante construiu a monumental basílica de São Pedro.

EXERCÍCIOS

- 1-Explique com suas palavras o que foi o Renascimento?
- 2-Quais suas principais características?
- 3-Por que a Itália foi considerada o "berço do Renascimento"?
- 4-Quem eram os Humanistas?
- 5-Elabore e responda uma questão sobre o Renascimento.

BIBLIOGRAFIA

- História das sociedades: das sociedades modernas às sociedades atuais/por/ Rubim S. Leão de Aquino e outros/Rio de Janeiro/Ao Livro Técnico, 1978.
- SEVCENKO, Nicolau. O Renascimento. 17ª ed. São Paulo, Atual, 1994. (Coleção Discutindo a história).
- História da geral - moderna e contemporânea, v. 2/Alfredo Bouças Júnior. Ed. renovada. - São Paulo: FTD, 1997.
- História Geral e História do Brasil- Toda a História- José Jobson de A. Arruda? Nelson Piletti - 4ª edição - editora Ática. 1995.
- Azevedo, L. de.
- A história dos povos, 4: sociedade mundial: moderna e contemporânea

O RENASCIMENTO

No período entre os séculos XI e XIV, caracterizado como Baixa Idade Média, o Ocidente europeu assistiu a um processo de ressurgimento do comércio e das cidades. Por volta do século XIV, entretanto, todo esse processo entrou em colapso. Os fatores que têm sido apontados pelos historiadores como principais responsáveis por esse refluxo de desenvolvimento econômico são: a Peste Negra, a Guerra dos 100 anos e as revoltas populares. Essa crise do século XIV tem sido denominada também como crise do feudalismo, pois acarretou transformações tão drásticas na sociedade, economia, vida política da Europa que praticamente diluiu as últimas estruturas feudais ainda predominantes e reforcou de forma irreversível o desenvolvimento do comércio e da burguesia e fortaleceu a Monarquia.

Nos termos desse quadro, deparamo-nos com uma nova ordem social. Sem a mediação das corporações, empresários e empregados situam-se como indivíduos isolados na sociedade. Seus padrões de ajustamento à realidade passam a ser as condições impostas do mercado, a ordem jurídica imposta defendida pelo Estado e a livre associação com seus companheiros de interesse.

Mas o que pensavam os homens do período com essas mudanças? A burguesia, sua grande beneficiária, estava eufórica. A nobreza e o clero, perdendo espaço tradicional dos feudos, procuram conquistar um novo lugar de destaque junto às cortes monárquicas recém criadas. Camponeses e artesãos perdendo a tutela tradicional do senhorio e da corporação são atirados de maior perto das vezes, contra a vontade, numa liberdade individual que pouco mais significava que trabalho insano para garantir a sobrevivência nos mínimos. Mas e os pensadores, os filósofos, os artistas, os cientistas, numa palavra: os humanistas, esses homens nascidos com nos nova condições e destinados a incrementá-las, o que pensavam eles de tudo isso? Que partido tomavam? Pensavam por si mesmos ou eram instrumentos pensantes da burguesia que os financiava? A resposta é bem mais complexa do que se pode imaginar.

A quem e que se costuma chamar de humanistas e o que significa? Embora ele se tenha difundido no século XV, esse termo indicava um conjunto de indivíduos que desde o século anterior vinha se esforçando para modificar e renovar o padrão de estudos ministrados tradicionalmente nas universidades medievais. Iniciou-se assim um movimento, cujo objetivo era atualizar, dinamizar e revitalizar os estudos tradicionais baseado nos estudos humanos que incluíam a poesia, a filosofia, a história, a matemática e a eloquência, disciplina esta resultante da fusão entre retórica e a filosofia.

Os humanistas, num gesto cusado, tendiam a considerar como mais por demais e mais expressiva a cultura que havia surgido no seio do paganismo, antes da chegada de Cristo. A Igreja, portanto, para quem a história humana só atinge a cultura em sua plenitude, não poderia e não quer bons olhos.

Assim como no Renascimento, a Reforma e a Contra-Reforma da Igreja e correram durante o longo processo de transição do feudalismo para o capitalismo. Tal processo, como vimos iniciou-se na Baixa Idade Média e caracterizou-se pelo renascimento das cidades, pela ascensão da burguesia, pela formação das monarquias nacionais e pela emergência de uma nova forma de pensar e agir. Esse contexto constituiu um terreno fértil para a proliferação das fortes críticas à Igreja e à maioria de suas autoridades.

Esse movimento de ruptura somente pode ser entendido no contexto amplo de um conjunto de causas religiosas, econômicas, políticas, sociais, culturais. Entre algumas causas religiosas podemos citar o apego aos bens materiais, desinteresse pelas coisas religiosas, corrupção, maus exemplos, nepotismo, simonia (=comércio das coisas sagradas) e até a venda de indulgências (para perdão dos pecados). Mas desde a Idade Média muitas vozes se levantaram contra esses abusos. Entre eles, John Wycliff, e Jan Huss.

A própria falta de unidade na interpretação da doutrina religiosa foi um dos fatores religiosos da Reforma. A respeito da salvação, havia uma corrente que afirmava a necessidade de acompanhar com boas obras e muitas práticas religiosas o esforço para a salvação, e que dependia da liberdade da pessoa. Outra corrente defendia que o importante para a salvação era a fé e a confiança na misericórdia de Deus.

O movimento de ruptura religiosa do século XVI deu-se principalmente na três reformadores: Lutero na Alemanha, Calvino na Suíça e Henrique VIII na Inglaterra. A Alemanha, no início do século XVI, era construída de um sem-número de ducados, principados e cidades autônomas, compondo o Império Romano Germânico. Nesse cenário surge a figura de Lutero (1483-1546), um monge agostiniano de vida exemplar e severa. Lutero não tencionava separar-se da igreja mas purificá-la dos abusos que a denegriam. A causa próxima da rebelião de Lutero foi a autorização concebida pelo papa Leão X para a venda de indulgência na Alemanha (a fim de angariar dinheiro para concluir a basílica de São Pedro, de Roma).

Enquanto Lutero se rebelava na Alemanha, um seu seguidor francês refugiava-se na Suíça. Era Calvino (1509-1564). Defendendo a doutrina da predestinação, ou seja, de que Deus escolhia entre os homens, desde o nascimento, aqueles que seriam salvos, Calvino acabou como os sacramentos ao batismo à comunhão.

Antes mesmo do início do protestantismo, inúmeros católicos, como o jurista Thomas Morua ou o humanista Erasmo de Rotterdam, criticaram os enormes abusos praticados pelo clero e mostraram que era necessário reformar a Igreja católica com urgência. Entretanto, os grupos de leigos e de religiosos católicos só deram início a um trabalho de intensa reorganização interna da Igreja quando o protestantismo começou a se expandir com velocidade crescente por vários países europeus.

Ao mesmo tempo em que fanáticos católicos apelavam para a perseguição e condenação dos reformadores e seus adeptos, a igreja Católica iniciou a chamada Contra-Reforma. Costuma-se chamar Contra-Reforma o conjunto de iniciativas da Igreja Católica para melhorar sua situação interna e fazer frente ao avanço da Reforma Protestante. Há estudiosos que preferem chamar esse movimento de Reforma Católica, porque o esforço de renovação da Igreja vinha de longa data.

A Reforma Católica do século XVI tomou impulso sobretudo a partir de quatro providências: a aprovação da Companhia de Jesus, a convocação do Concílio de Trento, a reorganização da Inquisição e a elaboração do Index.

A Companhia de Jesus (jesuítas), aprovada em 1540, foi fundada por Santo Inácio de Loyola (1491-1556), um militar espanhol convertido e sacerdote. Santo Inácio se propôs a criar um corpo de elite de "padres soldados". Dirigidos, como num exército, por um "general" e jurando um compromisso de obediência incondicional ao papa, os jesuítas tiveram uma enorme participação no combate às chamadas "heresias protestantes" e na difusão da fé católica entre povos não cristãos. O movimento de reação à crise do catecismo chegou à Roma sob o pontificado de Paulo III. Esse papa convocou em 1545, o Concílio de Trento, ou seja, uma reunião de todos os bispos católicos sob a presidência do papa. O Concílio (reunido na cidade italiana de Trento) não fez nenhuma concessão ao protestantismo. Ele reafirmou que o cristão consegue a salvação pela fé e pelas boas obras. Reafirmou que os ~~os~~ sacramentos, os cultos aos santos e à virgem Maria. Manteve o latim como língua da igreja nos cultos religiosos, etc.

Para recobduzir à igreja aos católicos que tinham aderido ao protestantismo e/ou para julgar, punir e eliminar os protestantes e defensores de heresias dos Estados católicos, particularmente Espanha, Portugal e Itália, a igreja reorganizou os Tribunais da Inquisição (de origem medieval).

Para orientar os católicos na escolha das leituras e impedi-los de ler obras julgadas ofensivas à doutrina religiosa e aos bons costumes, o papa Paulo IV ordenou a criação de uma lista de livros "perigosos": o Index, ou seja, índice de livros proibidos. A primeira lista oficial saiu em 1559. A partir daí, a Congregação do Santo Ofício elaborou 40 listas, sofrendo acréscimo e supressão de títulos. A igreja aboliu o Index em 1966.

EXERCÍCIO

- 1-O que você entende por Reforma Protestante?
- 2-Explique as principais razões da Reforma.
- 3-O que foi a Contra-Reforma e por que é também chamada de Reforma Católica?